

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 290

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

6.º Anno

NUMERO AVULSO, 30 REIS

## O ESPIRITO DEMOCRATICO

Como se preparou essa admiravel victoria de Valmy, que mudou o curso dos acontecimentos, marcando, como dizia Goethe, uma nova epocha na historia do mundo?

Vamos vér.

Desde o dia 10 de agosto, dia em que, como temos dicto, foram atacadas as Tullherias e presa a familia real, que a *Assembléa legislativa* funcionava em sessão permanente, publicando decretos sobre decretos, e mandando para junto dos exercitos commissarios especiaes com plenos poderes para prenderem e demittirem generaes e todos os funcionarios civis e militares. Esta foi uma das grandes causas do successo dos exercitos revolucionarios.

Quando a *Assembléa* teve noticia da capitulação de Longwy, mandou espalhar a seguinte proclamação:

«Cidadãos, a praça de Longwy acaba de ser entregue ou de ser vendida; o inimigo avança; talvez imagine encontrar por toda a parte covardes ou traidores; engana-se. Os nossos exercitos estão indignados com esse cheque que não fez mais do que exacerbar-lhes a coragem. Cidadãos, partilhareis da sua indignação. A patria chama-vos. Parti.»

Ao mesmo tempo exigiu do departamento de Paris, e dos departamentos visinhos, 30:000 homens, armados e equipados, para partirem immediatamente. Decretou que fosse punido de morte, decreto lido e affixado nos acampamentos, praças fortes, sédes de tropa, todo aquelle que n'uma praça cercada falasse em rendição. Guadet, encarregado por ella de fazer um relatório sobre a capitulação de Longwy, fez-lo em termos taes que ella decidiu que logo que Longwy voltasse ao dominio da nação todas as suas casas fossem destruidas e arrasadas; todos os seus habitantes privados, durante 10 annos, dos direitos de cidadãos; todos os seus funcionarios obrigados a comparecer perante os tribunaes. Acolheu com o maior desprezo a guarnição de Longwy. Quando alguns soldados d'essa guarnição foram á barra, a seu pedido, e ahi se queixaram de terem sido desarmados pelo inimigo, muitos deputados exclamaram: «Foi bem feito» e a *Assembléa* em peso se poz em pé, n'um movimento unanime de indignação, intimando os soldados a sahir. O 3.º batalhão d'Ardenes enviou-lhe uma memoria justificativa, em que se liam estas palavras: «A guarnição foi enganada; o que havia ella de fazer?» *Morvèr*, responderam n'um im-

peto de colera sincera quasi todos os deputados.

Vejam os leitores como se salva um povo e se defende a liberdade!

A tomada de Verdun inspirou a mesma indignação. A *Assembléa* interrompeu com violentos murmurios e apostrophes a leitura dos documentos relativos á capitulação. Mandou instaurar processo a varios officiaes, pronunciou a pena de morte contra todo o funcionario que satisfizesse as requisições do inimigo, decretou que o cadaver de Beurepaire (1) fosse transportado para o Panthéon e que sobre o seu tumulo fosse gravada esta inscripção: «Antes quiz morrer que capitular com os tyrannos.»

O presidente, Héault de Séchelles, escreveu á viuva de Beurepaire dizendo-lhe que o commandante de Verdun déra um grande exemplo a todos os soldados da liberdade.

A morte de Beurepaire servia para exaltar os animos e sobreexcitar o patriotismo. «Foi mais util do que a sua vida, exclamava Delaunay na sessão de 12 de setembro. Animou os timidos e fortificou os hesitantes. Que impressão profunda não será a dos nossos guerreiros quando virem passar, de Sainte-Menehould até Paris, o carro funebre que conduzir os restos de Beurepaire. Esse espectáculo ha de elevar as almas, inspirar coragem e animar todos os corações no desejo de vingança.»

Roma, dizia Louvet, não teve heroe mais magnanimo.

Um decreto de 14 de setembro prohibiu que o thesouro nacional pagasse aos habitantes de Longwy e de Verdun, que foram declarados traidores, as sommas de que lhes fosse deverdor. Ninguem viu n'elles senão pessimos francezes. Os jornaes não falavam n'outra coisa, senão na ovardia d'essas duas cidades. Os corpos municipaes de toda a França escreviam á *Assembléa* dizendo que os seus municipios não imitariam o exemplo das duas cidades perjuras. O auctor d'um drama, intitulado *O cerco de Lille*, punha em scena um aristocrata com o nome de *Monsieur de Verdun*. O *Patriote françois* propunha que se trocasse o nome de Verdun pelo nome de Beurepaire. Não, respondia a *Chronique de Paris*, que conservem os nomes de Verdun e de Long-

(1) Beurepaire, soldado dedicado á causa da Revolução, adorado pelos voluntarios, era o commandante da praça de Verdun. Nunca quiz ouvir falar em capitulação, mas tendo votado por ella o conselho de guerra, suicidou-se com dois tiros de pistola na cabeça, preferindo morrer a assignar a capitulação.

wy até ao dia em que, por actos de patriotismo, essas cidades expiem a sua vergonha.

Vejam os leitores, outra vez dizemos, sobretudo os leitores republicanos, que transigem vergonhosamente em Portugal com todas as apostasias e fraquezas, ainda as mais ignobeis, vejam como se salva um povo e se defende a liberdade.

Não é com vergonhosas transigencias. E' com intransigencias honestas, que levantam os espiritos e fortalecem os corações.

Ao mesmo tempo a *Assembléa* tomava as mais extraordinarias medidas militares. Creava novos regimentos, mandava lançar mão de todos os cavallos de luxo que houvesse em França, bem como dos cavallos d'agricultura e commercio. Auctorisava todos os francezes a levantarem corpos armados á sua custa, auctorisação que foi aproveitada em larga escala. Assim, dois cidadãos, Luiz Rutteau, de Paris, e Luiz Dumont, de Lille, organisavam, cada um d'elles, um corpo de *husards da liberdade*, composto de 400 homens. Mademoiselle Montausier organisava uma companhia com 85 artistas e operarios do seu theatro. Os actores dos outros theatros formavam a companhia chamada mesmo a companhia franca dos actores. Os pintores de Paris, os esculptores e os gravadores constituíam, todos, outra companhia, chamada a *companhia do Louvre*; os alumnos do collegio Luiz o Grande, outra companhia, chamada a *segunda companhia dos voluntarios do Panthéon*.

Mas isto não era nada. Batalhões, destaeamentos, companhias, esquadras, desfilavam incessantemente, ao som da musica, na sala onde se reuniu a *Assembléa*, jurando vencer ou morrer. Só a cidade de Paris organisou 29 batalhões de voluntarios durante o mez de setembro. Os 60 batalhões da guarda nacional foram substituidos por 48 secções armadas de parisienses, divididas em companhias, sem distincções entre granadeiros e caçadores porque a distincção seria contraria á *igualdade*. Cinco mil d'esses voluntarios parisienses apresentaram-se d'um dia para o outro.

E foi com esses voluntarios, entre os quaes havia numerosos intellectuaes, e milhares de homens de certa cultura, que a França revolucionaria venceu em Valmy os primeiros exercitos do mundo. E por ahi se prova, mais uma vez, que a intelligencia é a primeira força, mesmo no campo da batalha.

Os donativos de toda a ordem choviam da França inteira. Os officiaes davam para as despesas

da guerra as suas condecorações e um dia do seu soldo. Muitos cidadãos se offereciam para adoptar os filhos d'aquelles que morressem pela patria. Um tal Leroy, e como estes muitos, que tinha 7 filhos, 4 d'elles já militares, offerecia os tres restantes, jurando ir elle proprio substituir o primeiro que morresse pela patria.

Eis como esse exercito horroso que a monarchia havia legado, e que já descrevemos aqui, se tornou o primeiro exercito do mundo. Eis como se preparou e obteve essa admiravel victoria de Valmy, depois da qual a Revolução foi de triumpho em triumpho até ao fim.

Aprende aqui, portuguezes, a amar a liberdade e a vencer.

Mas falta ainda muito que dizer.

## EM AVEIRO

Não sabemos o que a commissão municipal republicana terá resolvido, á hora em que escrevemos estas linhas, nem se estará resolvida a fazer alguma coisa. Para não fugirmos á correcção com que temos procedido nada diremos hoje a tal respeito, aguardando os factos com tranquillidade.

Mas sempre é bom accentuar ainda a *malandrice* dos *bandoleiros* que, dizendo-se republicanos, se colligaram com os francaceos para estabelecer a desunião, que não foi outro o proposito, entre os que sinceramente trabalham pela causa democratica n'esta terra.

O proposito foi esse. Unicamente esse. E bastará reconhecer-se que foi esse o proposito para que nenhum republicano de Aveiro, d'aquelles que o são, deixe de proceder contra os *malandros* com a energia honrada que tamanho desavergonhamento reclama.

Que o proposito dos *canalhas* não foi outro está claramente provado. Além da lista republicana ser uma lista official, como demonstrámos, organizada em harmonia com as indicações do corpo dirigente do partido, era composta de nomes que a *nenhum republicano* podiam desagradar. Diz-se que os *canalhas* se acobertam com uma *chafarica maçonica* que para ahi existe, allegando que a lista era d'essa *chafarica*, e não organizada com o fim propositado de estabelecer a desunião entre os republicanos locais. Ora ninguem se illude com esse subterfugio dos *malandros*. Em primeiro lugar, acima de todas as *chafaricas maçonicas* está o partido republicano, quando procede officialmente, para aquelles que n'elle estão filiados. Entre uma resolução partidaria e uma velleidade de *chafarica* não havia que hesitar. Entre os maçonijos ha muitos monarchicos e muitos especuladores. Entre os republicanos só deve haver republicanos. Em segundo lugar, que reluctancia podia haver em votar no nome do sr. Bernardino Machado, por exemplo, que é o mais proeminente dos maçonijos?

A imbecillidade dos *malandros* é sempre a mesma. Se são os ultimos dos *canalhas* tambem são os ultimos dos imbecis.

O sr. Bernardino Machado, além de ser um dos mais illustres nomes

do partido republicano, além de ser o mais proeminente dos maçonicos, é dos pouquissimos homens de estado que se lembraram de fazer serviços a Aveiro desinteressadamente. O sr. Albano Coutinho, além de ser d'este districto, além de ser dos mais antigos republicanos do paiz e dos mais honestos, acompanhou sempre com a maior dedicação **todas** as manifestações democraticas que em Aveiro se teem feito desde que se creou aqui o nucleo republicano. O sr. Antonio Luiz Gomes, que tambem é um republicano sincero e um homem de bem, tinha para os republicanos de Aveiro a qualidade especial de ser d'este districto e de ter sido o primeiro conferente na campanha contra a *Immaculada*. O sr. João Chagas é um homem cheio de serviços e de talento.

Pois a estes homens, a quem nós fazemos esta justiça não tendo relações pessoas com alguns d'elles, preferiram os *malandros* os nomes dos srs. Feio Terenas e Pinheiro de Mello por... serem maçonicos!

Da lista da commissão municipal só não cortaram o nome do sr. Sebastião de Magalhães Lima por ser irmão do chefe dos francaceos da localidade.

Tiveram, ou não tiveram os *malandros* o unico proposito de estabelecer a desunião e a intriga entre os republicanos de Aveiro?

E de estabelecer essa desunião e essa intriga colligados com o grupo mais reaccionario que existe entre os partidos monarchicos?

Ou os republicanos de Aveiro estão na intenção honesta de manter a disciplina do seu grupo, procedendo lealmente uns para com outros, e mantendo uma intransigencia honrada, ou escusam de contar connosco.

Com *ovelhas ranhosas* nunca se fez nada.

## AS FOMES EM CABO VERDE

Como se administra e trata o povo em Portugal

Com o titulo *Alguns Apontamentos Sobre as Fomes em Cabo Verde desde 1719 a 1904*, recebemos, ha mais de dois mezes, uma brochura, escripta pelo sr. Christiano José de Senna Barcellos, illustre official da armada, e cuja offerta agradecemos, não nos havendo referido a ella com maior antecipação, como já declarámos, por nos ter faltado absolutamente o tempo para a lér, como a outras publicações que temos em nosso poder, e espaço para nos referirmos a ella com o interesse que o seu titulo logo despertou em nós.

Acabámos agora de a lér, e recolhemos d'essa leitura preciosas informações, que mais uma vez põem em relevo o profundo desprezo a que as classes populares são votadas pelos governos portuguezes e a enorme desmoralisação que assiste a todos os actos governativos.

Ora ouçamos o proprio sr. Senna Barcellos, que conhece admiravelmente quanto diz respeito á provincia de Cabo Verde:

«Pelos annos de 1900 entrou a provincia em pronunciada decadencia, tal era a pessima orientação administrativa seguida. Apesar das muitas recommendações ministeriaes de economias aos dinheiros, estes desapareciam dos cofres para infinitas applicações, menos para a viação publica, que ficou estacionaria em todas as ilhas, e em abandono toda a que existia, a ponto dos melhores caminhos se acharem em estado intransitavel; e muito menos ainda para socorrer milhares de desgraçados que, victimas d'estiagens prolongadas, lutam com a fome e a miseria.

Nunca se viu tão grande invasão de funcionarios nas repartições publicas; alguns d'elles, diga-se a verdade, que nem aprendiz foram, passavam logo a exercer cargos superiores. O militarismo, pago por tantas tabellas quantas as letras do alphabeto e mais uma, com as companhias de artilheria, de policia militar e civil; as gratificações mandadas abonar, a certas individualidades, por portarias surdas do ministro, ou por ordem do governador, a titulo de relevantes serviços que prestaram, ou que *pódem vir a prestar*, são factos que demonstram bem a nossa decadencia e a immoralidade da nossa administração ultramarina.

Em 1903 o governo provocou uma crise na ilha de S. Thiago, por falta de pequenas e bem dirigidas providencias a tempo; a mortalidade subiu a mais de vinte mil almas; em julho, começo da estação pluviosa, não se cuidou da distribuição de sementes para garantir a colheita de 1904 aos poucos que sobreviveram. Nova crise, continuando a mortalidade com todos os seus horrores, apesar dos esforços empregados pelo actual governador, sr. Barjona de Freitas, para a evitar.

No ministerio da marinha, desde 1900, manifestou-se a opinião de não se acudir aos que soffressem com as estiagens, porque d'essa opinião eram os governadores de então. Choveram energias correspondencias para os jornaes, protestando contra tanta deshumanidade, representações a El-Rei e Rainha, telegrammas, etc. etc.

O governo da metropole ordenou alguns socorros, mas por terem ido muito tarde, mal chegaram para a vigesima parte dos necessitados. Não se contrahi um emprestimo, como era de uso em casos taes. Em 1904, subsistindo as mesmas ordens da metropole, lucta, sem vantagens, o actual governador, com as maiores difficuldades para attender a tantos desgraçados, que imploram um bocado de pão.

Que o bom Deus recompense os auctores de tanta crueldade!

Depois d'isso entra o sr. Senna Barcellos na minuciosa historia das fomes de Cabo Verde contando-nos horrores que fazem arripiar as carnes e pondo em toda a sua nudez o procedimento escandaloso dos governos, que gastando dinheiro a rodos nas mais revoltantes immoralidades, não prestaram nenhum auxilio efficaz aos infelizes d'aquellas ilhas.

Ora ouçamos mais algumas das suas revelações:

«O rancho (trata-se dos socorros officiaes aos famintos durante a fome de 1093) era detestavel; geralmente constava de milho, do mais ordinario, de Buenos Ayres, temperado com mau azeite; por cima mal cozinhado e ainda escasso. E distribuia-se uma só vez por dia! Poder-se-ha calcular agora os resultados de estomagos enfraquecidos, ingerindo uma alimentação desagradavel e indigesta, por consequencia nociva á saúde; ou davam em seguida a alma ao creador, ou caminhavam em grandes corrias para o hospital, onde eram tratados de enterites e dysenterias graves. Mas o mais vergonhoso de tudo isto é que os tristes esfomea-

dos recebiam, para estimular a digestão, chibatadas, bofetões e pontapés: muitos, porque se apressavam a tomar a dianteira, no acto da distribuição, pela fome, ou por mesquinhas vinganças, soffriam o barbaro castigo de não receberem rancho.

Alguns policiaes, verdadeiros canibae, eram odiados por toda a gente, tal fôra o seu indigno procedimento durante a fome de 1902 a 1903.

A cidade era de dia para dia visitada por legiões de famintos que reclamavam alimentos.

Em 3 de junho houve grande invasão de gente da freguezia de S. Thiago, e no dia 4 da freguezia de S. Lourenço dos Orgãos. O governador ordenou que a administração do concelho escolhesse cem d'elles e os mandasse apresentar na direcção das obras publicas para se lhes dar trabalho. Acompanhados com uma guia ali se apresentaram; não foram recebidos.

Os socorros eram dados d'uma maneira tão anarchica que poucos eram os beneficiados.

Em janeiro de 1903 a mendicidade na cidade da Praia começou a tomar um aspecto assustador, pelas successivas invasões dos habitantes das freguezias dos dois concelhos que abandonavam em massa as suas casas, vindo acampar nos arredores da cidade occupando uma grande area na Varzea da Companhia. Este terreno é de sub-solo pantanoso e superficie arenosa.

Alli, onde vive a palmeira, e encostado ao seu tronco, construíam elles suas cubatas cobertas de ramagens diversas. Esta povoação, comparavel a uma senzala, sem condições hygienicas, recebia milhares de desgraçados que, accumulados de dia sobre o areal abrazador, supportavam todas as inclemencias; de noute, sem roupas para lhes tapar a nudez, gemiam pelos efeitos da grande humidade.

O chefe de serviço de saúde, dr. Costa Sereno, dentro do limite das suas funções, teve que intervir, mostrando nos seus bem elaborados relatorios a inconveniencia da auctoridade permittir a agglomeração de gente nos arredores da cidade, que podiam ser causa de epidemias graves; empregava todos os meios ao seu alcance para evitar a mortalidade que depois se deu.

O dr. Costa Sereno não foi escutado nas altas regiões do poder; os avisos contidos nos seus esplendidos relatorios eram n'essas regiões superiores mal recebidos e davam motivo não para se providenciar, mas para irritantes controversias entre os profanos e a classe medica em que se levava o tempo... Os Herodes queriam o extermínio geral...

As tenras creanças encontravam no areal da Varzea da Companhia o seu dormitorio. Esqueleticas, como os paes, despojadas até de trapos, alli passavam uma torturada existencia. Em um local escolhido reuniam-se as mães com os filhos e ali recebiam 9 litros de leite, uma só vez por dia, para 400 creanças.

As ruas da cidade continuavam a apinhar-se de famintos que esmolavam pelas portas; as doenças e a mortandade cresciam espantosamente e as providencias governativas era inutil solicita-las, porque o extermínio estava projectado e devia-se executar!!

E é este o paiz da brandura de costumes!

Dos anjos da caridade!  
Dos philantropicos!  
Bella coisa, não ha duvida.

**Feltos quasi de graça só na**

**Officina de alfaiate**  
DO  
**ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL**  
**DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO  
Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

## Cartas d'Algures

24 DE FEVEREIRO.

Vae continuando, com toda a ferocidade que desde o principio manifestou, a campanha contra o sr. presidente do conselho.

Por falta de vagar, rarissimos jornaes tenho lido ultimamente. Não sei, portanto, se algum terá dicto sobre o caso as palavras de justiça e de moralidade que elle reclama. Mas penso que não. Não está isso nos habitos, nem no caracter da nossa imprensa.

Ora diga-se a verdade toda: por peores coisas que tenha feito o sr. José Luciano, são verdadeiramente repugnantes os processos que se estão empregando contra elle.

A primeira pergunta, que naturalmente accede ao espirito d'um espectador sensato e imparcial, é esta: porque é que só agora se descobre que a esposa do presidente do conselho influi sobre os negocios publicos?

Ha muitos annos que se dizia em Portugal que a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia de Seabra partilhava com seu marido a chefatura do partido progressista e a presidencia do conselho. E o que é mais engraçado, e curioso, é que se dizia isso com elogio para aquella senhora. Que era muito intelligente; que via as questões muito bem; que tinha muito tacto; que, verdadeiramente, ella é que tinha feito o sr. José Luciano chefe do partido progressista, etc. Eu ouvi dizer isto centos de vezes, por esse paiz fôra, a todo o mundo. Ninguem, nem os mais chegados ao sr. presidente do conselho, fazia segredo d'este facto. Acrescentava-se que a senhora em questão falava ao telephone com os ministros, os directores geraes, dando ordens, fazendo recommendações, etc. Ha quantos annos eu ouço dizer isto!

E confesso que nunca o ouvi dizer sem sentir repugnancia. Não pelo facto, propriamente, de estar ás ordens d'uma mulher. Não desprezo até esse ponto as mulheres, que tem intelligencia e caracter como os homens. Mas porque acho immorales todos os poderes occultos, ou sejam homens, ou sejam mulheres.

Nunca o ouvi dizer sem sentir repugnancia. No entanto, usando eu uma penna e tendo um jornal ao meu dispor, poderei ter feito mais do que uma referencia ligeira a esse facto, mas nunca abri campanhas contra a esposa do sr. presidente do conselho. E o que eu fiz, fizeram-no todos os outros jornalistas portuguezes. E, para mim, e para os outros na apparencia, por uma razão muito intuitiva: não era decoroso, não era licito, pedir responsabilidades a uma mulher, quando uma mulher é verdadeiramente irresponsavel. Porque o é. A' face da lei, e á face dos costumes, que tambem fazem lei. Isto não falando em injurias. Se não é licito, nem decoroso, pedir responsabilidades politicas a uma mulher, que é d'essas que estou tratando agora, é aviltante injuria-la.

Ora se ninguem pediu anteriormente responsabilidades á esposa do sr. José Luciano de Castro, porque se quebra agora esse preceito? Ha de haver um motivo muito forte para isso. Qual é elle? O bem publico? Infelizmente, os antecedentes não abonam os consequentes. O bem publico, não. Ninguem o acredita.

Mas o bem publico que fosse: era bem tardio o despertar dos nossos jornalistas. Nem mesmo assim deixaria de existir um fundo de immoralidade na escandalosa questão que se debate.

Não quero dizer com isto, bem se percebe, que os jornalistas que se attribuem independencia, que não podem ser outros senão os republicanos, sabissem a defender o sr. José Luciano de Castro e sua familia. De modo algum. Mas o que tambem não podiam, nem deviam, era ir na esteira dos accusadores do presidente do conselho, desde que os processos da accusação se tornaram verdadeiramente immorales. Não lhes faltava partido a tirar da escandalosa questão, sem se rebaixarem a expedientes menos dignos. Basta de depravar o sentimento publico.

Se a esposa do sr. José Luciano tem procedido incorrectamente partilhando o poder, que dizer d'aquelles

que lhe consentiram esse procedimento? Pois quem são os culpados d'essa senhora ter ido, de grau em grau, até ao estado d'absorção completa que hoje lhe attribuem? Quem são, senão aquelles mesmos que a accusam, e que, por todas as fórmulas, assopram e atijam essa accusação? Se todos elles tivessem, a tempo e a horas, posto cobro ao abuso, não chegaríamos á immoralidade que estão denunciando, e que denunciam agora, não por amor da causa publica, mas por inconfessaveis interesses de momento.

Todos os homens que pertecem, e pertenceram ao partido progressista, acceitaram o mando da sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia de Seabra. Todos exaltaram os meritos do sr. José Luciano de Castro, que era dominado por sua esposa. Todos os ministros, directores geraes, e mais funcionarios, se corresponderam com essa senhora, como participante, com seu marido, no governo do paiz. Todos os partidos monarchicos, todos os dirigentes da monarchia, desde o mais alto até ao mais baixo, foram cúmplices n'esse facto, de que tiveram absoluto conhecimento. Pois não é uma tremenda immoralidade virem agora combater aquillo de que foram causa?

Mais do que nunca era de esperar que a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia de Seabra usasse do poder. E a culpada não era ella. Eram aquelles que faziam presidente do conselho um homem inteiramente impossibilitado de exercer essas funções. Pois a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia de Seabra não havia de usar do poder quando seu marido estava reduzido, pela doença, a não dar um passo, depois de o ter usado estando elle são de corpo e de espirito? E, no entanto, não houve um protesto solemne, geral, um movimento de revolta contra a nomeação do sr. José Luciano, no estado em que se encontra, para presidente do conselho, facto sem precedentes em qualquer paiz do mundo. Não houve. Pelo contrario, a acceiscencia dos partidos, de todos os partidos, a esse grande escandalo, foi clara e manifesta.

E agora leva-se a furia do ataque até ao ponto de se publicar uma carta que uma mulher, confiada no segredo inatacavel da sua vida intima, escreve ao seu proprio marido!

Em que paiz estamos? Publiquem as cartas dos politicos e sobre assumptos politicos. Obtenham-nas pelos processos que quiserem, e tornem-nas publicas, se o entenderem. Já não é pouco. Já é talvez de mais. Mas respeitem a correspondencia trocada entre uma senhora e seu marido, seja qual fôr o assumpto e sejam quaes forem os defeitos de marido ou mulher. Contra esse attentado protestamos vivamente. Em nome da justiça, do direito, da liberdade, e do dever que nós temos, nós os que usamos uma penna, de educar o espirito publico.

E isso é desvairar-lo. E' perverte-lo. E' estabelecer um precedente terrivel, que amanhã ha de servir para anavalhar aquelles mesmos que o estabeleceram.

Alguns jornalistas republicanos parece que se esqueceram de que o Povo de Aveiro registou ha mezes um facto importantissimo, qual foi o de lhe ser participado, em uma carta anonyma, muito antes de começar a contenda entre a companhia dos tabacos e a companhia dos phosphoros, que essa contenda ia começar e que, mercê da influencia de certo e determinado chefe republicano, os jornaes do partido se collocariam do lado da companhia dos phosphoros. Nós registámos isso, fazendo referencia á carta recebida. E' claro que era uma falsa insinuação. Estamos d'isso convencidos. Mas veja-se quanto pôde a calunnia, e até onde ella pôde chegar, estabelecido o precedente de todos os processos de combate serem bons.

O dever de quem se propõe reformar os costumes, reforma que ha de constituir a base de todas as reformas politicas, a querer-se que d'estas resultem os fructos apregoados, não é ir na corrente dos maus processos. Não. E' o contrario. E' polos em evidencia. E' attrahir sobre elles o odioso, para ensinamento da consciencia publica. Ora o grande ensinamento, que resulta da questão dos tabacos e dos phosphoros, é a corrupção

geral, tamanha que não se revelam menos corruptos os accusadores do que os accusados. O grande ensinamento é a dissolução profunda de todos os partidos monarchicos. E' a depravação de todos os caracteres. E' a absoluta insolvencia moral das instituições. Mas esse ensinamento não o havemos nós de concluir e impôr tornando-nos cúmplices da depravação geral com processos immorales, mas sim abstendo-nos d'elles rigorosamente.

D'outra fôrma, dois perigos corremos: o de nos fazermos juguete de qualquer quadrilha monarchica, e ali estão já os francaceos a gritar como desalmados contra o rotativismo, elles, que tambem mendigaram candidaturas da sr.<sup>a</sup> ministra, que foi sempre sr.<sup>a</sup> ministra com pleno conhecimento d'elles e sem publico protesto d'elles, e o da calunnia poder dizer, que nós não somos afinal instrumento da justiça, que tem os olhos vendados para cortar a direito, mas instrumento de interesses particulares e interesses illicitos.

Não esqueça o outro a dizer, com tantos mezes de antecedencia, que os jornaes republicanos viriam a tomar partido pela companhia dos phosphoros.

Calunnia, não ha duvida. Mas calunnia que a falta de habilidade pôde alimentar.

As *Novidades* e o *Seculo* são bastantes para o escandalo. Aproveitemos nós o escandalo, sem que pareça que enfileiramos ao lado das *Novidades* e do *Seculo*.

D'alto, para mostrar os vis interesses que se jogam d'um lado e do outro, os processos ignobeis que se empregam, de que se tirá uma unica resultante: a insolvencia moral das instituições.

E, se nos parecer, voltaremos ao assumpto.

A. B.

## EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Gado leiteiro, leite e seus derivados, productos oleícolas e alfaiá respectiva

### Regulamento

#### OBJECTO

Artigo 1.º A Exposição comprehenderá gado leiteiro, leite e seus derivados, productos oleícolas e alfaiá respectiva. As machinas e aparelhos serão, sendo possivel, postos a trabalhar á vista do publico, de fôrma a mostrar a sua maneira de produzir e para o fim de iniciar os visitantes nos differentes fabricos.

Haverá concursos de trabalho entre machinas da mesma classe para os quaes a Direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza fornecerá gratuitamente a materia prima, querendo os expositores, ficando a pertencer á mesma Real Associação os productos d'esses concursos, assim como lhe pertencerá o leite do gado que sustentar.

#### CHARACTER DA EXPOSIÇÃO

Art. 2.º A Exposição não será exclusivamente nacional. Os expositores de qualquer nacionalidade residentes no paiz podem concorrer a todas as classes de todos os grupos e secções do programma.

Os expositores estrangeiros residentes fóra de Portugal só podem concorrer a todas as classes do 1.º grupo da 1.ª secção, ás classes 3.ª e 5.ª do 2.º grupo da mesma secção e a todas as classes do 1.º grupo da 2.ª secção.

#### LOGARES E SUPERFICIES

Art. 3.º A Exposição será installada na Real Tapada da Ajuda, generosamente cedida por Sua Magestade El-Rei para esse fim.

As installações serão feitas no grande pavilhão e em annexos.

Os expositores poderão construir edificações apropriadas para expôr os seus animaes, productos ou aparelhos, devendo fazer a requisição da superficie que necessitem de harmonia com as disposições d'este regulamento.

#### DURAÇÃO

Art. 4.º A Exposição será inaugurada solememente por Suas Magestades no dia 28 de abril de 1905 e conservar-se-ha aberta durante vinte dias; todavia a Direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza poderá prolongar este prazo até o dia que julgar conveniente.

§ unico. A duração da Exposição de gado leiteiro não excederá oito dias a começar no mencionado dia 28 de abril.

#### DISTRIBUIÇÃO

Art. 5.º Os animaes, productos e aparelhos serão distribuidos pelas secções, grupos e classes constantes do programma junto, e a sua arrumação nas installações geraes é da competencia da Direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza.

(Continúa).

EPIGRAMAS DEMOCRATICAS

**20 de fevereiro.**—O conde de Amarante, á frente dos reacconarios, subleva Traz-os-Montes contra as côrtes e a favor do absolutismo, 1823.

**21 de fevereiro.**—Morre Spinosa, 1677.

Barach Spinosa, fundador do atheismo, um dos mais celebres philosophos do mundo, era de origem portugueza, descendente d'uma familia de judeus de Beja, expulsa de Portugal.

Desde muito novo começou a revoltar-se contra as doutrinas religiosas, escandalizando com as suas opiniões sobretudo os judeus, a cuja raça e seita pertencia. Chamado á presença dos rabinos com tal audácia discutiu os absurdos da religião hebraica que foi prohibido por elles de voltar á Synagoga.

Approximou-se então dos christãos, sem se converter, contudo, ao christianismo. Um dos seus novos amigos foi Van den Ende, medico christão, que tinha uma filha muito formosa e illustrada, pela qual Spinosa se apaixonou perdidamente. Não foi correspondido no seu amor. O medico, porém, e a filha, ensinaram-lhe as linguas antigas, o que foi para elle um grande auxiliar nos seus estudos.

Continuando na sua orientação philosophica foi tal o odio que lhe votaram os judeus que um d'elles tentou assassina-lo, dando-lhe uma punhalada em frente da synagoga portugueza de Amsterdam. Spinosa sahio então d'esta cidade dirigindo-se a Leyde e Rheinsburgo.

Aqui publicou uma obra sobre Descartes, a qual provocou taes celemas que elle teve que abandonar a sua nova residencia, seguindo para outras terras. Em parte nenhuma, porém, tinha parança e socego, pois que as suas opiniões philosophicas, offendendo as crengas geraes, não o permittiam. Por fim veio a morrer tystico, cheio de perseguições e desgostos.

A sua influencia philosophica foi enorme.

Morre Holbach, 1789.

Paulo Henrique Thiry, barão de Holbach, foi o mais celebre atheu do seu tempo. Collaborador da *Encyclopedie*, devem-se-lhe quasi todos os escriptos que appareceram n'aquelle vasto repositório dos conhecimentos humanos sobre chimica, pharmacia, physiologia e medicina.

Escreveu o *Christianismo Desmascarado*, que teve um exito immenso. Era um libello formidavel contra a religião.

A sua campanha contra o catholicismo foi verdadeiramente notavel. Em seguida ao *Christianismo Desmascarado*, escreveu o *Espirito do Clero*, da *Impostura Sacerdotal*, o *Systema da Natureza*, obra muito celebre, onde dá extraordinario relevo ás suas doutrinas atheistas e materialistas, o *Bom Senso*, outro livro famoso, os *Padres Desmascarados*, da *Crueldade religiosa*, *Historia Critica de Jesus*, *Exame critico da vida e obras de S. Paulo*, etc.

**22 de fevereiro.**—D. Miguel chega do desterro e desembarca em Belem, no meio de grande entusiasmo, 1828.

Eis como Soriano (Tomo II—parte II da 3.ª epocha, pags. 211 e seguintes) descreve o acontecimento:

«Longa e trabalhosa foi a viagem do infante para Portugal, contrariada como foi pelos ventos, que durante ella reinarão, havendo de mais a mais experimentado os açoitados de uma furiosa tempestade, até que finalmente veio a entrar no Tejo no ominoso dia 22 de fevereiro de 1828, que para Portugal deverá ser sempre da mais triste e funesta recordação, por ser n'elle que abertamente se começou com a obra da usurpação, organisando-se o plano do terrorismo, por determinação do mesmo infante e dos seus adeptos, pela maior parte homens sicarios e ambiciosos. Emquanto as salvas das fortalezas annunciavam aos moradores de Lisboa o funesto presente, que D.

Pedro lhes enviara, satisfazendo ás exigencias, que lhe tinham feito os gabinetes de Inglaterra, Austria e França e enquanto a infanta regente, D. Isabel Maria, se dirigia em pessoa a bordo da fragata *Pevola*, para cumprimentar seu irmão, demorando-se muito com elle n'esta visita, a multidão dos emissarios e partidistas da rainha começava a affluir em grandes magotes ao caes de Belem, para no meio dos mais estrondosos gritos, e incessantes vozerias e vivas subversivos, acolherem como idolo da sua maior veneração o infante D. Miguel, o qual, em vez de se dirigir para o Terreiro do Paço, como devia ter logar e se esperava que fizesse, tomou para o dito caes, onde foi desembarcar nas vistas de alcançar quanto antes o palacio da Ajuda, que destinou para sua residencia, indo sempre acompanhado de viva *D. Miguel I, rei absoluto de Portugal; viva o general Silveira!* Por este modo o receberam logo os miseraveis individuos, que para esse fim tinham sido mandados e pagos pela rainha.

Chegado que foi ao palacio da Ajuda, de prompto se lhe apresentou para felicita-lo o antigo senado da camara, cujos membros lhe eram cordealmente addictos, por effeito dos grandes interesses, que pelo seu cargo auferiam, e que de certo teriam de perder, a continuar o governo representativo. O mesmo fez tambem a côrte, e muitos pares do reino e deputados, bem como os generaes de terra e mar, recebendo elle todas estas personagens (algumas das quaes eram tidas por affectas ao systema liberal) dando a todas ellas a honra de lhe beijarem a mão, aquella mesma que dentro em poucos mezes havia de referendar as sentenças de morte de alguns dos partidarios do referido systema, bem como as da condemnação de outros, que por fortuna sua escaparam a identica pena. No dia 23 dirigiu-se o infante á igreja da Sé, hoje igreja patriarchal, para n'ella assistir a um solemne *Te Deum* em acção de graças por lhe ter permitido ver realizadas as suas ardentes aspirações, por tão feliz maneira, por elle manifestadas desde 1823. No seu itinerario a população assalariada novamente o acompanhou com os seus vivas a *el-rei D. Miguel I*, vivas que elle acolhia com ar de benevolencia, e sorriso de acquiescencia, parecendo não lhes prestar attenção. Os seguintes dias foram passados em jubilosas festas e illuminações, durante os quaes passaram já a ser insultadas algumas pessoas, tidas por liberaes, falando se a par d'isto em varias mudanças que iam ter logar.»

**23 de fevereiro.**—O exercito anglo-luzo-hispano derrota o exercito francez, 1814.

**24 de fevereiro.**—Proclamação da Republica em França, 1848.

Luiz Filipe tinha sido collocado no throno como arma contra a Republica. A realza estava definitivamente morta desde 1792. Napoleão I, Luiz XVIII e Carlos X foram um simples consequencia das hesitações que se seguem a todo o movimento revolucionario. Representaram um estertor da reacção. Quando Carlos X cahiu, em 1830, o partido republicano, já então em via de reorganisação, esteve prestes a triumphar.

Todos os pensadores são hoje unanimes em reconhecer que foi um desastre para a França não se ter proclamado então a Republica. Luiz Filipe reinou n'uma instabilidade constante. Cesar Cantu, historiador reaccionario, confessa que o seu governo nunca se consolidou e que ao cabo de dezoito annos estava mais oscilante do que no principio.

Emfim, no dia 24 de fevereiro a revolução rebentou de novo. Armaram-se barricadas nas ruas, e Luiz Filipe, que tinha visto os resultados inuteis da resistencia tenaz de Carlos X, e que era de espirito pacifico, deve-se-lhe fazer essa justiça, apressou-se a abdicar. O

conde de Paris, ainda creança, foi levado por sua mãe ao parlamento, onde já estava prestando juramento, quando o povo, invadindo a camara, proclamou a Republica. Lamartine repetia a proclamação e aos partidarios da realza só restou fugir com o principe a toda a pressa. Infelizmente, os erros dos republicanos tornaram possível o golpe d'estado do bandoleiro que se chamava Luiz Bonaparte, e a Republica poucos annos durou.

**25 de fevereiro.**—A camara dos pares felicita D. Miguel pelo feliz enlace com a sol-rinha, 1828.

Decreta-se a abolição da escravidão em territorio portuguez, sendo considerados libertos os escravos existentes e obrigados aos serviços dos seus patrões até 29 de abril de 1878, 1869.

**26 de fevereiro.**—D. Miguel jura a carta perante as camaras reunidas em sessão, assume a Regencia que lhe entrega D. Isabel Maria, nomeia ministerio reaccionario e substitue os governadores militares, 1828.

...Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.—Louvado seja Deus que ainda vemos sem oculos para admirarmos a *belleza* da illuminação publica. Sem oculos e sem auxilio da lente.

Com cangalhas no nariz não admira que os effeitos da optica se tornem mais volumosos, ainda que os objectos visados estejam a larga distancia. Felizmente, a nós, não nos succede isso. A olho nú, temos divisado bem, assim como o publico em geral, o que não é myope, a deficiencia d'essa illuminação, deficiencia que vae levando o mesmo publico a transformar o systema de illuminação das suas casas e dos seus estabelecimentos.

Quem não precisar de cangalhas, repetimos, ahí verá a cada passo a confirmação do que deixamos dito.

E para aquellos que tenham duvidas sobre o que dissémos no numero passado, sobre a illuminação publica, e para confirmação do que avançámos, vamos relatar um facto succedido no sabbado preterito na séde da «Sociedade Recreio Artístico», facto que vem a talho de foice na presente occasião:

Promoveu a direcção d'aquella Sociedade um baile para aquelle dia, e para o qual convidou os socios e suas familias. Dançava-se animadamente á 1/2 noite, hora em que o entusiasmo era mais latente, quando repentinamente todos os bicos de gaz amorteeceram a ponto dos convivas se acharem ás escuras. E por mais esforços que se fizessem para se conseguir nova luz do *indiarado* gaz, não se conseguiu mais que reviver uma branda lamparina que não envergonhava a do quarto de uma beata nossa vizinha. O baile continuou, é certo, mas foi á luz poderosa de dois bicos de carboneto, generosamente offerecidos pelos srs. Joaquim Pedro Ferreira e José de Carvalho Junior que, na occasião, e por acaso, alli se encontravam e os foram buscar a suas casas.

Este facto pôde ser testificado por todas as pessoas que se achavam nas salas, que se elevavam a mais de 150, e pelo testemunho da propria direcção, que acaba de requerer licença para a installação de um gazometro para carboneto, em virtude d'estas e outras irregularidades. Não nos move contra o director da fabrica do gaz, em Aveiro, o menor resentimento, nem mesmo contra qualquer pessoa que com elle tenha affinidades, mas como a verdade tem de sobrelevar a mentira, e esta posta de parte, e ainda como nos obrigam a isso, aqui nos encontramos dispostos a dizel-a, em tudo, *dôz a quem doer*, a compasso de fagote ou de bombarдино, e a pôr a questão nos seus devidos termos, para esclarecimento do publico e para seu interesse, ainda que esse interesse pouco valha para certas entidades que por ahí pullulam.

Esta é que é a verdade e só a

verdade, embora estejamos convictos que tambem a saibam. Mas ás vezes assim convém...

Pois se nos obrigarem a ser mais energeticos, o que esperamos, demonstrar-lhe-hemos que em certos casos o silencio é de ouro...

Estamos no mesmo campo e de bem com a nossa consciencia; repetindo mais uma vez: o que se está passando em Aveiro, repetante á illuminação publica, é o que ha de mais revoltante, ridiculo e vergonhoso.

Se alguns candieiros há que alguma luz ainda fornecem, são precisamente aquellos que dão mais na vista ou que se acham collocados á porta de quem tem obrigação de cuidar o assumpto.

Mas ainda assim, é até ás 9 horas, porque depois transformam-se em candieiros sem azeite.

E continuaremos, em quanto a Companhia do Gaz não lançar olhos misericordiosos para uma cidade que lhe paga pontualmente o gaz que tão malhe é fornecido.

Desculpe, sr. redactor, mais esta massada do seu

Velho assignante.

INFORMAÇÕES LOCAES

**Feliz Idela.**—Dizem-nos, e asseveram-nos, que a commissão delegada pela Associação Commercial que foi a Lisboa entregar ao sr. conselheiro Castro Mattoso o diploma de socio honorario d'aquella Associação, aproveitou o tempo indo pedir ao secretario do sr. ministro das Obras Publicas, na ausencia d'este titular, para que a expropriação a fazer no convento das Carmelitas, para a nova Avenida do Terreiro á rua Direita, fosse limitada, pois se iam estragar com essa expropriação algumas obras d'arte que o mesmo convento possui.

E então que lhes parecem os reaccionarios membros da commissão, tornando-se procuradores de causas de que ninguém os encarregou?

Parece mais uma commissão delegada do bispo do que d'uma Associação que se diz commercial, pois que ao commercio pouco se lhe deve importar que a Avenida ocupe um terço do convento como o ocupe na totalidade.

Antes pelo contrario o desejariam ver todo expropriado por utilidade publica, o que já vae sendo tarde.

Avalie pois o publico o grande zelo que mostrou a reaccionaria commissão com as *obras d'arte* do convento das *manas*!!

Mas que obras d'arte, perguntamos nós, que obras d'arte são essas?

A ser verdade isto, o que nos afirmam cathegoricamente, é mais uma demonstração do que é e do que vale isso a que chamam Associação Commercial d'Aveiro.

E ainda ha quem diga que aquillo não é uma Associação politica...

E' possível que tenhamos de nos occupar do assumpto com mais vagar

**Baile.**—A Empreza do salão do Rocio promoveu na quinta-feira passada um baile particular que esteve animadissimos, dançando-se entusiasticamente até á madrugada.

Foi servida uma lauta ceia que, ao que nos consta foi bem regadinha. Os assistentes guardam bellas recordações d'essa festa e vieram bem impressionados com a excellencia dos Saões e com o acolhimento dos Emprezararios.

**Musica no Jardim.**—O programma que a banda de infantaria 24 executa hoje no jardim publico, da 1 ás 3 da tarde, é o seguinte:

Marcha. «Elvira», mazurka, (Rodrigues). Musica Classica, zarzuela (Chapi). «Rigoletto», phantasia da opera (Verdi). «Les Fleurs», walsas (Waldteufel). Passé calle.

**Solrée.**—A direcção da «Sociedade Recreio Artístico», offereceu no sabbado passado uma esplendida *soirée* aos seus socios e familias, que decorreu animadissima. Se não fora a ausencia do gaz que pôz as salas ás escuras por um bom espaço de tempo, e que deu uma nota destoante á festa, podia-se dizer que era uma das melhores que alli se tinha realisado.

**A nossa carteira.**—Tem aguardado o leito, o sr. dr. Antonio Francisco Marques de Moura.

Estimamos as melhoras.

—Entrou na franca convalescença o sr. João Marques da Cunha, o que muito estimamos.

—Tem passado incommodado de saude, mas já se encontra melhor, o sr. Antonio Maria Ferreira, residente em Lisboa.

—Passou na quinta-feira o anniversario natalicio da senhora D. Georgina Adelaide de Mello Freitas.

—Tambem fez annos a senhora D. Maria do Pilar da Cunha Pimentel. As nossas felicitações.

—Com sua esposa e filho, regressou de Lisboa o sr. dr. Alexandre Telles d'Araujo e Albuquerque, advogado em Estarreja.

—Estiveram em Aveiro os srs. Arnaldo e Alvaro Guimarães, filhos do sr. Domingos Fernandes Guimarães, director da fabrica de papel de Valmaior.

—Vimos tambem n'esta cidade o sr. José Fernandes Mourão.

—Tem estado em Estarreja, de onde regressou quinta-feira, com sua esposa e filho, o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão.

**Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas.**—Recebemos e agradecemos o relatorio e contas da sua gerencia durante o anno de 1904. Por elle se vê que prospera, o que estimamos.

**Falecimento.**—Acaba de se receber participação que no dia 21 de janeiro passado, falleceu em Africa o tenente da administração militar, Manuel Antonio Ferreira Quaresma, filho do já fallecido general Quaresma.

«POVO DE AVEIRO».—Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

FOLHAS SOLTAS

A MORTE DE JOÃO

(Continuação do n.º antecedente)

Ficava-o sabendo, nobres damas que gastaes rios de dinheiro em adornar o peito e as orelhas com perolas. Ficava-o sabendo tambem vós, altos empregados, eximios politicos, excellentissimos plutocratas:—João morreu!

João morreu, e nem dobraram os sinos, nem se pozeram em movimento os carros funebres, a espuma de briosos cavallos não manchou os pannos luctuosos, não foram ao seu enterro os poderosos nem os humildes, nenhum reporter traçou o seu panegyrico, nenhuma janella se encheu para vêr passar o cortejo.

Ninguém se apercebeu sequer da sua morte. Era tão humilde, que assim como não fazia nenhum ruido para viver, tão pouco quiz dar trabalho a algum morrendo. Ninguém sabia do que elle vivia; ninguém soube que elle tinha morrido.

Ao cabo de dois dias de não sahir do quarto, a mulher que lhe tinha alugado a habitação chamou á porta. Não teve quem lhe respondesse. Bateu mais rijo.

—João! João!

João não respondia.

Compereceram algumas auctoridades, e um tendeiro da esquina, regedor da parochia, enriquecido a ludibriar os compradores em peso e quantidade.

Dois ou tres garotos formavam atraz das auctoridades. Abriu-se a porta. João estava na cama, voltado para a parede.

Uma voz, disse: —Esse homem está morto!

As cabeças infantis, que assomavam curiosas, iniciam um movimento de retirada; a dona da casa retrocede tambem; as auctoridades olham o morto, encaram-se entre si, e ficam com a cara estúpida de homens que contemplan uma coisa incomprehensivel. O tendeiro mostra-se mais estupefacto ainda e apresenta uma expressão mais estúpida que todos os demais.

Todos deixam o quarto. Deixaram só o morto; só, como elle viveu. Depois, fecharam a porta.

Ao cabo de umas ho as, chega o medico para passar a certidão. Com elle entra a hospiteira. O Galeno acerca-se do cadaver. Examina as mãos exanguias e tão decarnadas que par-cem tras sparentes, privadas de todo o musculo, a cara afflada, levanta o labio superior, abre com exforço a bocca, examina os dentes e gingivas; golpeia o abdomen, pondo a nú o corpo esqueletico.

A patrão acerca-se.

—De que morreu elle, doutor?

—Morreu de fome.

Ouvis, nobres damas, conspicuos politicos, altos empregados, excellentissimos plutocratas?

...João morreu de fome!

(Continúa.)

# METHODO JOAO DE DEUS

## LEITURA

<i>Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura</i> —16.ª ed., cart. 300 réis, broch.	200
<i>Album</i> , ou livro contendo as lições da <i>Cartilha Maternal</i> em ponto grande	55000
<i>Quadros Parietaes</i> , ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.	65000
<i>Segunda parte—Os Deveres dos Filhos</i> —16.ª ed., cart., 300 réis, broch.	200
<i>Guia pratico e theorico da Cartilha Maternal</i> —1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.....	160

## ESCRIPTA

<i>Arte de Escripção</i> —(2.ª ed., melhorada), 9 eadernos com algumas explicações practicas, cada.	30
---	----

### Livros de polémica sobre o Método

<i>A Cartilha Maternal e o Apostolado</i> .....	500
<i>A Cartilha Maternal e a Critica</i> .....	500

Do mesmo auctor:

## LITTERATURA

<i>Campo de Flôres</i> —Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed.	700
<i>Prosas</i> —Coordenadas por Theophilo Braga	800

## DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

## AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

### Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

TYPOGRAPHIA

— DO —  
POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, dos principaes fundidores typographicos, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

## BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

## PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS  
A VEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 15600 a 33600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles  
dos Santos J.º



DENTISTA MECANICO

Coloca dentas e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinã, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe a qualquer quantia ficando o trabalho impellido. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Esttua de JOSÉ ESTEVAM)

## Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote.) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista,  
3 Lisboa

# EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos  
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congengeres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

## JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,  
Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO